

Empresários ganham espaço no Congresso

250

Carmen Kozak

O perfil da futura Câmara dos Deputados será mais conservador do que o atual. A totalização das apurações dos votos em quase todos os Estados aponta para um aumento significativo das bancadas dos partidos de esquerda (112% em relação à de 1986 e 35% se comparada à composição atual). O que se destaca, porém, numa primeira avaliação dos eleitos à Câmara, é, alto índice de empresários. O empresariado — não levando em conta os seus representantes indiretos — conseguiu ampliar a sua representação em, pelo menos, 42%. Em 1986, foram eleitos 140 parlamentares empresários e, a partir de 1991, essa representação direta aumentará para, no mínimo, 200.

Esse novo perfil da Câmara dos Deputados — que sofreu uma renovação de 62% — mostra ainda que o embate entre as correntes ideológicas conservadoras e de esquerda será muito mais nítido e forte na próxima legislatura e, principalmente, durante a revisão constitucional, prevista para 1993. O agravamento desse embate se deve ao fraco desempenho das forças políticas de centro — seja de direita, seja de esquerda. A maior derrota foi registrada na tentativa de reeleição de parlamentares do chamado bloco "progressista". Foi esse bloco que garantiu os votos necessários, durante a Constituinte, para a aprovação de importantes avanços, principalmente no que diz respeito aos direitos sociais e individuais.

A derrota do grupo progressista implicou no afastamento de figuras expressivas dentro do Congresso como os pernambucanos Fernando Lyra e Cristina Tavares, do PDT; Oswaldo Lima Filho, do

PMDB, e Egydio Ferreira Lima, do PSDB. Na Bahia, os derrotados foram Domingos Lionelli, do PSB; Fernando Santana, do PCB, e Jorge Hage do PDT. Os tucanos Nelson Friederich (PR), Francisco Kuster (SC) e Vicente Bogo (RS) tiveram o mesmo insucesso dos petistas Lysâneas Maciel, Carlos Alberto Caó e Paulo Ramos, no Rio de Janeiro.

Apesar das baixas sofridas pela ala progressista terem conseguido muita repercussão, não foram poucos os representantes de centro-direita que amargaram a derrota nestas eleições. Um dos fracassos mais comentados é o do ex-líder na Câmara do governo Sarney e ex-ministro da Saúde e da Educação, Carlos Santana (PMDB-BA). Integram ainda esta lista o deputado José Lins (PFL-CE) e Daso Coimbra (PRN-RJ).

Além do sucesso dos empresários, que investiram alto nas suas candidaturas, o resultado das eleições de outubro mostrou a força de padrinhos políticos importantes. Engajados, indiretamente, na eleição em Alagoas, o presidente Fernando Collor de Mello e a primeira dama Rosane Malta conseguiram colaborar na eleição de oito dos nove deputados daquele Estado. Pelo PSC virão os novos Vítorio Malta (primo da primeira dama), Augusto César Farias (irmão do controvérsio tesoureiro da campanha eleitoral de Collor, Paulo César Farias, o PC além de Luís Dantas e Antonio Holanda, que foram secretários de Estado durante o governo de Collor em Alagoas. Pelo PRN está certa a eleição de Cleto Falcão, amigo pessoal do Presidente. A segunda vaga do partido está sendo disputada por Juca Sampaio e Olavo Calheiros (irmão do candi-

dato a governador, Renan Calheiros).

Não é só em Alagoas que pessoas ligadas ao Presidente tiveram sucesso. Em São Paulo, Euclides Mello, primo do Presidente, assegurou uma vaga à Câmara pelo PRN. Há também um exemplo de sucesso nas urnas avesso ao parentesco. Em Pernambuco, o irmão do ex-líder do governo na Câmara, Renan Calheiros, foi eleito deputado pelo PC do B. O novo parlamentar, Renildo Calheiros, é ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) e mantém uma postura de oposição ao atual Governo.

O ex-presidente José Sarney, além de emplacar como o candidato mais votado ao Senado por Amapá, mostrou força política na eleição em seu Estado natal, Maranhão. O PFL elegeu para a Câmara os seus filhos, Sarney Filho e Roseane Sarney, bem como o ex-ministro José Reinaldo Tavares e Ricardo Murad (irmão do ex-secretário particular do ex-presidente e ex-genro Jorge Murad).

Em meio à vitória do poder econômico e dos padrinhos políticos, o resultado das apurações mostrou um dado importante para o movimento sindical: a eleição de 22 líderes sindicais. Dentre este grupo existem dois casos particulares. Os petistas Adão Preto (RS) e Luci Choinoski (SC) são ligados ao movimento dos sem-terra, que desde o golpe militar de 1964 não tem uma representação tão direta no Congresso. A eleição de Luci Choinoski, que é vereadora, pegou de surpresa inclusive o partido, já que o PT não tem uma boa aceitação e sequer está bem organizado em Santa Catarina.

Givaldo Barbosa



Arquivo

Collor e Sarney elegem seus candidatos e agora vão disputar novos espaços no Congresso